

CLAUDEFRANKLIN MONTEIRO

A VIDA É UM TRIO ELÉTRICO



 EDISE

A VIDA É UM
TRIO ELÉTRICO



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretora Administrativa-Financeira

Maria das Graças Souza Garcez

Diretor Industrial

Milton Alves



Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

CLAUDEFRANKLIN MONTEIRO

A VIDA É UM TRIO ELÉTRICO



EDISE

Aracaju
2019

COPYRIGHT©2019 BY CLAUDEFRANKLIN MONTEIRO SANTOS

CAPA

MOROTÓ

DIAGRAMAÇÃO

CLARA MACEDO

REVISÃO

MARGARIDA MARIA MACÊDO

PRÉ-IMPRESSÃO

DALMO MACEDO

MARCOS NASCIMENTO

M775v Monteiro, Claudefranklin
A vida é um trio elétrico / Claudefranklin Monteiro. – Aracaju :
Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2019.
84 p.: il.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide web:
<https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-49-0

1. Trio elétrico. 2. Carnaval. 3. Dodô e Osmar. I. Título.

CDU: 394.25

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 - Centro
49010-020 - Aracaju - Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

Anselmo Machado
Milton Moura
Edivaldo Boaventura (in memoriam)

*Aqueles meninos revolucionaram o Brasil.
Senhores da folia, eletrizaram o carnaval
e levaram para as ruas a alegria
em estado puro de graça.*

Prefácio

Caramba! Fui convidado para escrever o prefácio. Fiquei lisonjeado, mas quando botei o pé no chão percebi que nunca tinha feito um e nem sabia como iria começar.

Comecei a ler e, num primeiro instante, não parei mais. Vi que o autor quando criança teve contato com o som trieletrizado, além de ter nascido no ano em que começamos nossa banda, que brincava de trio elétrico, construindo, improvisando em caminhões de brinquedo, igual a mim e a meus irmãos quando éramos pequenos.

Vê-se que desde menino, Claudefranklin Monteiro se apaixonou pela música trieletrizada da Banda Armandinho, Dodô e Osmar.

Dessa sua admiração, surgiu o interesse pela pesquisa que nos enriquece com informações preciosas. Ler tal obra é um caminhar pe-

la trajetória do trio elétrico, além da Bahia, saber um pouco mais de suas andanças, passando por aqueles que também se projetaram através desse grande invento, seja como músicos, escritores e letristas.

Através dos textos, crônicas e relatos, a leitura se tornou agradável e histórica, escrita por um doutor que desde menino é admirador dessa invenção, o trio elétrico.

É com muito prazer e satisfação que escrevo este prefácio e convido a todos a conhecerem um pouco mais dessa história.

Aroldo Costa Macêdo

Apresentação

O carnaval de 1982 ocorreu na última semana de fevereiro. Um mês antes, meu pai, José Almeida Monteiro, havia falecido. Eu senti muito a sua ausência, mas a amizade com meu irmão mais velho, José Cláudio Monteiro, que assumiu a figura paterna, procurou compensar o vazio.

Padinho Cláudio, como eu o chamava carinhosamente, era um entusiasta da folia momesca. Mangueirense de coração, também curti frevo e a música trietrizada de Armandinho, Dodô e Osmar. Foi por ele que tive a minha primeira experiência sonora do grupo.

Em seu quarto, ele tinha uma vitrola portátil, formato de maleta. Era predominantemente cinza, com detalhes em preto e branco. Não lembro mais a marca. Eu só tinha oito anos de idade. Iria fazer nove, em março.

Mas lembro, com nitidez e muita nostalgia, que ficava horas ouvindo LP (long play) ou vinil, naquela vitrola. Ouvia Caetano, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Alceu Valença, Elton Jonh. Certa feita, ouvi um disco chamado A Banda dos Velhinhos Transviados. Um grupo de orquestra, criado nos anos 60, pelo músico José Menezes de França.

No acervo fonográfico de Padinho Cláudio, tinha um LP que até hoje é dos meus preferidos do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. Trata-se do disco “Vassourinha Elétrica”, de 1980.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a capa. Muito linda, com o grupo, em formato de espectro, no entorno de Osmar Macêdo e o desenho da fobica, colorida, em cada canto. Completava o layout, dois círculos, um maior em amarelo, com a inscrição da banda, e outro menor em vermelho, branco e azul.

Ao colocar aquele disco na vitrola, senti algo que jamais saiu de minhas lembranças. Já na primeira faixa, um pout-porri, intitulado Caetano, Caeta-

no, que invadiu meu coração e acertou em cheio a minha sensibilidade infantil e criativa. Mais do que amor à primeira audiência, foi identificação pura.

Daí em diante, além dos molequinhos de plástico, do Playmobil e dos bois de barro, o trio elétrico passou a fazer parte de meu repertório de brincadeiras. Aliás, uma das mais preferidas. Minha mãe, Maria Claudemira, adorava me ver puxando com um cordão a miniatura de um caminhão, com caixa de isopor para ovos, imitando uma carroceria de trio, fazendo com minha boca um som que lembrava a guitarra baiana: *pililim, pililin*. Adorava cantar “Cantor do Brasil”, lado B, faixa 2.

Na fase adulta, já casado, tive a oportunidade de ver a banda em duas ocasiões, em Lagarto-SE, onde nasci e me criei e onde ainda moro. Uma, nos anos 90, e outra, mais de perto, quando conheci seus componentes, na primeira administração do Prefeito Valmir Monteiro, na micareta de 2010. Nessa ocasião, fiquei por alguns minutos conversando com Aroldo Macedo, que me falou de sua descendência lagartense, por parte de pai.

Apesar de ter me tornado professor e historiador, nunca me atentei em estudar a história do trio elétrico, considerando a sua importância no cenário nacional do carnaval, mesmo passando a pesquisar a relação entre história e música a partir de um certo momento de minha carreira.

Foi quando, em novembro de 2016, ao assistir a primeira temporada do show dos Irmãos Macêdo, no Teatro Rubi, em Salvador-BA, acompanhado de minha esposa, a professora Patrícia Monteiro, entre lágrimas e emoção, eu resolvi me debruçar na pesquisa histórica sobre o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar.

Era véspera de me reunir com o professor Milton Moura, que iria me supervisionar em uma pesquisa sobre o assunto, no Pós-doutorado em Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal da Bahia, que conclui em junho de 2018. Aqui, meu agradecimento ao amigo, o professor Anselmo Machado, pela indicação e intermediação do encontro.

Nesse interim, estreitei meus laços de amizade com o grupo, mais de perto com Aroldo e Paulo Milha, produtor. E assumi a responsabilidade de contar essa história, deixando meu legado pessoal, mas também como historiador, para a perpetuação da memória do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar.

O presente trabalho reúne crônicas que escrevi nos últimos dez anos a respeito do carnaval, do carnaval elétrico, da banda. Algumas delas, publicadas originalmente em portais de notícias, revistas e jornais, revisas e editadas pela professora Margarida Maria Macêdo, a quem agradeço por aceitar a empreitada.

É o primeiro de pelo menos três produtos editoriais que pretendo compartilhar com o público até o próximo ano, quando serão celebrados os setenta anos da criação do trio elétrico, por Dodô e Osmar.

Para além da coincidência (pois acredito na providência), trata-se de um pequeno ensaio daquilo que vem pela frente e também se apresenta

como um livro comemorativo dos meus quarenta e cinco anos de vida e dos quarenta e cinco anos do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar.

Você sabe o que é tiete? Pergunta Gilberto Gil em uma de suas canções para o trio. É uma espécie de admirador. Nascer no mesmo ano daquilo que se admira é um privilégio! E poder ter a oportunidade de contar sua história, mais ainda. Por essas e outras razões, a vida, a minha vida, tem sido um trio elétrico, e eu os convido a ganhar a avenida comigo, saboreando cada texto ao embalo da música trieletrizada.

Claudefranklin Monteiro

SUMÁRIO

Eles, os Carnavais Lagartenses.....	19
Eles, os Trios Elétricos.....	25
Irmãos Macêdo: os Beatles da Bahia Elétrica	29
Osmar Macêdo, a Alegria Eternizada	35
Gerônimo, o Timoneiro da Bahia Afrodescendente	39
O Carnaval Elétrico, por Fred Góes.....	43
O Brado do Trio.....	47
As Sessentações de Aroldo Macêdo	53
O Carnaval Trieletrizado de Sergipe	57
Da Riberia ao Pé da Montanha: Assim Nasceu o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar	71
Jubileu de Vinho.....	77
Referências	79

ELES, OS CARNAVAIS LAGARTENSES¹

Não se sabe, ao certo, quando a tradição do carnaval chegou a Lagarto. As pesquisas em torno da folia lagartense, em sua história, ainda são mínimas e pouco conclusivas. Acredita-se que seu melhor momento se deu entre os anos 70 e 80, com os inesquecíveis bailes e festas de rua. Ninguém escapava das infindáveis “guerras” de ovo podre, de maisena e de roche-terra. Era um clima de profunda alegria que punha a cidade inteira em polvorosa.

Eu era menino, muito menino ainda, quando temia a passagem do Rei Momo (a propósito, encarnado pelo meu falecido tio, o Tonho de Sinhô). Naquela ocasião, com o famoso trio elétrico da

1 Originalmente publicado in: SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Memórias dos Carnavais Lagartenses. Revista Perfil, Itabaiana-SE, p. 32 - 32, 03 mar. 2009.

Prefeitura (criado por Zé Coletor e popularizado por dr. João Almeida Rocha), a descontração tomava conta das ruelas da cidade.

Eu vivi a chegada dos primeiros trios elétricos em Lagarto. Não tinha mais do que oito anos quando fui tomado de assalto pelo som da guitarra baiana, num LP que meu irmão, Prof. Cláudio Monteiro (in memorian), rodava numa pequena vitrola. Não tardou para que aquilo virasse meu brinquedo favorito, confeccionado com o que chamamos hoje de material reciclado: tampinhas de bebida, caixa de ovo, isopor, resto de madeira, canudinho.

Nos meus quarenta anos, com meu filho, Pedro Franklin, construí um daqueles trios e até hoje, ano após ano, reformo, ajeito e coloco um pequeno aparelho com entrada USB para reproduzir os clássicos do carnaval elétrico baiano, ainda executados pelos Irmãos Macêdo (Armandinho, Aroldo, André e Beto), filhos de Osmar. Os filhos da alegria, cujas origens, curiosamente, são lagartenses. O bisavô deles, Osmundo Tolentino, é filho de Lagarto.

Nos tempos de Zé Vieira, ex-Prefeito, a festa ficou ainda mais popular. A Associação Atlética de Lagarto (de saudosa memória) era o ponto de encontro da juventude lagartense ao som de Los Guaranis, bandinhas, frevos e dos hits Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. Lagarto, certamente, era mais feliz.

Depois disso, foi a vez dos trios elétricos de ocasião, mais modernos e menos românticos, com caixas de som potentes, maiores e mais altos. Lembro-me de alguns, até com certa nostalgia, a exemplo dos trios: “20 Vê” e o incomparável “Marabá”. Eles fizeram mais campanha política do que carnaval, mas produziram sons e jingles que marcaram uma época, na qual a folia deixava os salões e as ruas e ganhava espaço nas praias e na Barragem Dionísio de Araújo Machado.

Na segunda metade dos anos noventa, os trios elétricos lagartenses passaram a ser confeccionados e mantidos por empresários locais. Nesse sentido, destaque para os trios: Radiofon (Ercílio), Voyage (Vanderlan Almeida) e Eldorado (Ca-

bo Zé). Este último, com muita propriedade, conhecido como a “máquina do som”.

Após a administração do Prefeito Artur Reis, a festa foi substituída por prévias carnavalescas ou foras de época: as micaretas. Embora se atribua ao grupo Saramandaia o fim daqueles belos tempos, é importante destacar que nem a administração do Cabo Zé (festeiro por natureza e Bole-bole da raiz) conseguiu fazer o tão desejado e esperado resgate histórico.

Com o Frevo Folia², sob a coordenação de Marcelo Mesquita, num tempo mais recente de nossa história, respirou-se um retorno às origens. Até houve um certo entusiasmo que inspirou outros projetos similares. Mas, ironicamente, virou produto de exportação, fazendo mais sucesso em Neópolis do que em Lagarto.

Nesse sentido, fica complicado falar em qualquer iniciativa bem-sucedida nos últimos vinte anos, considerando uma série de fatores, entre eles o famigerado costume de exilar-se nas

2 Orquestra de frevo, criada em Lagarto-SE no ano de 2002.

praias e a pouca ou quase nenhuma atratividade por parte do Poder Público. Assim, em que pesem as atuais e bem intencionadas tentativas, definitivamente, carnaval em Lagarto sagrou-se como coisa do passado.

ELES, OS TRIOS ELÉTRICOS³

Saudosismo. Sim, esse é o seu nome, Carnaval! Minhas manhãs eram iluminadas pela alegria dos foliões, enchendo a rua de viço. Durante o dia, o mela-mela, com ovo, roche terra, maisena, confetes e serpentinas. À noite, na finada Associação Atlética de Lagarto, as marchinhas e os bailes varavam a madrugada adentro. E acreditem se quiser: tínhamos trio elétrico público.

Eu devia ter uns nove anos, talvez menos, quando fui contagiado pelo som da música trieletrizada. Aquilo me deixou em êxtase, e eu me transportava a um universo de alegria efusiva e de bem-estar. Ano após ano, eu percorria as serrietas da cidade para catar sobra de material a

3 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Eles, os Trios Elétricos 2014 (Artigo). Portal ww.lagartense.com.br. 2014.

fim de construir carcaças de trios elétricos em cima da carroceria de meu caminhão de brinquedo. Era uma época em que a política do reciclável ainda não era moda, mas, de tampas de Montilla, eu fazia as bocas de autofalantes. Tudo isso para ficar o mais próximo possível do velho trio elétrico da Prefeitura Municipal de Lagarto.

O trio da Prefeitura foi uma sacada do Sr. José Ribeiro de Souza, o Zé Ribeiro Coletor, Prefeito no início dos anos 70. Seu sucessor, Dr. João Almeida Rocha, o popularizou, e a máquina de fazer folia fez os inesquecíveis carnavais de Lagarto até meados dos anos 80 quando Artur de Oliveira Reis o aposentou, em definitivo, para a tristeza minha e de todos nós daquela geração “Armandinho, Dodô e Osmar”.

Do final dos anos oitenta até a presente data, nunca mais houve uma iniciativa pública que trouxesse os velhos e bons tempos de volta. Aliás, nem carnaval, de fato e de direito, temos mais.

Mais recentemente, surgiram os minitrios, os paredões, mas nada, nada mesmo, comparado ao

velho e bom som e design do trio elétrico da Prefeitura, de saudosa e dolorosa memória.

IRMÃOS MACÊDO: OS BEATLES DA BAHIA ELÉTRICA⁴

Corredor da Vitória, dia 25 de fevereiro. Meu coração quase não se continha no peito quando avistei, pela primeira vez em minha longa estrada de fã, num final de tarde, sob árvores altas e frondosas, o Trio Elétrico Armadinho, Dodô e Osmar, no formato do Fobicão.

Tudo para mim era novidade. Primeiro carnaval em Salvador. E com minha primeira namorada, hoje minha esposa, a Professora Patrícia Monteiro. Como toda primeira impressão é a que fica, ficou a alegria de ter vivido aquele momento. A sensação de uma fantasia, de um sonho realizado.

4 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Irmãos Macêdo: os Beatles da Bahia Elétrica. Jornal CIFORM - Municípios, Aracaju-SE, p. 2 - 2, 17 abr. 2017.

Posto isto, tive que conter as emoções, não menos as lágrimas, para fazer também às vezes de estudioso e de articulista do Lagarto Notícias, privilégio este proporcionado pelo amigo Alexandre Fontes. Portanto, meu olhar precisava ser cuidadoso e acurado, poético e astuto.

Outrossim, impossível não deixar de notar a correia que sustentava a lendária guitarra baiana de Armandinho, personificada com símbolos dos Beatles. Mais precisamente, do álbum Sargent Peppers. Ou ainda, o terço que revestia a mão de André, segurando firme o microfone. A serenidade de Beto. E a simpatia de Aroldo.

Personagens que sempre habitaram minhas brincadeiras de infância, meus arroubos de juventude e meus carnavais da fase adulta. Ali, diante de mim. De meus olhos. Nunca como das outras três ou quatro oportunidades, uma delas, inclusive, em Lagarto, Sergipe: berço das origens da família Macêdo, em que pese o fato de o avô de Osmar, Osmundo Tolentino, ter sido de lá.

Sobre o assunto, uma bandeira de Lagarto e outra de Sergipe, levadas pelo colega Professor Antônio Carlos e família, tremulavam ao sopro do vento gostoso daquela noite de carnaval baiano, sobre as grades do trio, chamando a atenção de todos na avenida e também da equipe de produção, bem como dos familiares do grupo.

Como bom beatlemaníaco que sou, desde 1992, resolvi traduzir minhas primeiras impressões do grupo com uma metáfora, a meu ver, bastante apropriada, para representar a importância histórica dos quatro para a história cultural do carnaval baiano.

Antes, permitam-me lembrar a meus leitores que estamos diante de um fenômeno musical que está próximo de completar 70 anos. Segundo a Família, tudo começou com os amigos Dodô e Osmar que, desde os anos 40, realizavam experimentos que deram na criação do pau-elétrico⁵, e

5 Segundo Aroldo Macêdo, trata-se da primeira guitarra brasileira. O nome guitarra baiana foi dado nos anos 70 por Armandinho, quando ele colocou uma quinta corda. Antes, foi pau elétrico, depois cavaco de trio.

assim, desde 1950, o trio e a pipoca⁶ fazem parte do carnaval de rua.

A propósito, “Pra que corda” é o tema da nova canção do grupo, em 2017, que traduz bem o seu espírito e a marca dos carnavais baianos de rua, bem como a essência de suas canções, entre elas o sucesso “Chame Gente”, dos anos 80. Elementos que pude testemunhar, de cima do trio, como na alegria estampada no rosto e nos braços abertos, no meio da multidão, do Professor Milton Araújo, da UFBA. Ou nas lágrimas escorrendo do rosto de Patrícia quando curti o verso “eu queria que essa fantasia fosse eterna”.

Voltando à metáfora a que me referia antes, todo o cenário em volta me reportava à musicalidade londrina dos Beatles. Jovens garotos de uma cidade portuária, Liverpool, como Salvador, cuja longevidade cultural só pode ser explicada pelo conjunto de ações e sentimentos que os moveram.

Vê-los em ação, mais uma vez, e agora em seu palco por excelência, o trio, não houve como não

⁶ Nome dado a um grupo de foliões que vai atrás do trio elétrico, sem corda.

estabelecer inúmeras associações sobre as quais devo me ater, por ora, apenas aos seus personagens, a eles, os filhos da alegria.

Armandinho, identificado a Jonh Lennon, com sua genialidade e também ao seu gênio “louco”, com a boca aberta e olhos vivos, a dar voz à guitarra. Aroldo, a Paul MacCartney, a sensibilidade, o talento e a liderança. Beto, à candura de Ringo, que em muito recria a figura do saudoso Osmar. E, finalmente, ele, a voz do trio, como na canção “Cantor do Brasil”, André, que em muito lembra George Harrison, pelo timbre particular e pela religiosidade.

E, foi assim, meu primeiro carnaval em Salvador. Com chave de ouro. Um abre-alas à altura da história da boa terra, num rio de gente inundando o circuito Osmar, no Campo Grande. Sob as bênçãos de Deus e do poeta, na Praça, na raça, com a massa, com amor, atrás e em cima do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar.

OSMAR MACÊDO, A ALEGRIA ETERNIZADA⁷

De carnaval em carnaval, a cidade de Salvador se reinventa sob as hostes de suas tradições. O povo, em brasa, ainda segue atrás do trio elétrico. Uma multidão, de gerações diferentes, é tomada de entusiasmo pela magia da guitarra baiana. Velhos e novos ritmos, e a mesma emoção. Mas, do alto da estátua, inerte, jaz um lamento de saudade e de nostalgia. Cadê Osmar? Pergunta o poeta na praça há vinte anos.

Gênio, visionário, artista, engenhoso. Quantos Osmar Macêdo seriam necessários para comportar essas e inúmeras outras assertivas? Sem sombra de dúvidas, o tamanho da sua alegria estampada no rosto, em cima do trio elétrico, de bra-

⁷ SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Osmar Macêdo, a alegria eternizada. *Jornal Correio da Bahia*, Salvador-BA, 01 jul. 2017.

ços abertos, de onde o soteropolitano e o Brasil se acostumaram a vê-lo em seu velho bradar invocativo para a folia.

A notícia de seu falecimento tomou espaço nos principais meios de comunicação do país. A Folha de São Paulo, em sua edição do dia 01 de julho de 1997, estampou a manchete: Morre um dos criadores do trio elétrico, referindo-se ao dia anterior. A matéria, assinada por Christianne Gonzáles, dava uma dimensão daquela significativa perda para a cultura brasileira.

Natural de Salvador, em 22 de março de 1923, Osmar Álvares de Macêdo foi criado pela mãe e por três tias maternas. Era um ambiente musical, e dele nutriu-se da inspiração que lhe acompanhou por toda a vida. Caçula, ficava às voltas com um irmão, mais velho sete anos, também músico, com quem desenvolveu a arte de ouvir. Bandolins, violões, violino e piano faziam parte de seu universo infantil.

Assim, as primeiras mulheres de sua vida, ao lado de seu irmão, foram as iniciadoras musicais de Osmar, que aprendeu a tocar em ten-

ra idade, crescendo e conhecendo, nos anos 30, os ritmos que vinham de Pernambuco, a exemplo do Frevo, e tendo a oportunidade de conviver com Garoto e outros nomes da música brasileira com quem aprendeu muito e, mais tarde, imprimiu seu próprio estilo. Do pai, descendente de ingleses, herdou a habilidade mecânica, a proatividade para buscar soluções diante de situações-problemas.

E nesses cenários díspares, cresceu nele a inventividade e a engenhosidade de que lhe foram muito peculiares, alcançando as décadas de 40 e 50, quando, em parceria com o amigo Dodô, inventou os embriões do carnaval elétrico da Bahia: o pau elétrico e a Fobica, depois trio elétrico⁸.

Sua vida foi esse pêndulo entre a música e a mecânica. Entre os anos 40 e 90, construiu uma sólida carreira no campo da metalurgia, ora como professor, instrutor, gerente, ora como ide-

⁸ Como era metalúrgico, possuindo, inclusive, uma metalúrgica, Osmar sempre projetava e construía os trios, e Dodô fazia a sonorização responsável pelos potentes amplificadores valvulados que não costumavam queimar. Osmar projetou a primeira carroceria acoplada no chassi do caminhão.

alizador de uma infinidade de projetos, inclusive na área da construção civil, naval, ferroviária e até mesmo na aeronáutica, como pontes, elevadores, equipamentos diversos, quando lhe valeu mais a saga criativa do que o lucro.

Casado duas vezes e pai de sete filhos, Osmar Macêdo viveu por 74 anos. Do primeiro casamento, nasceram aqueles que levariam seu legado adiante: Alberto, Armandinho, Aroldo e André. Os filhos da alegria alçaram a sonoridade de Osmar Macêdo a patamares até hoje referências para inúmeros músicos. E isso, em si, explica a longevidade do grupo em meio a tantos modismos passageiros.

Osmar Macêdo, com uma pedagogia singular, educou seus primeiros filhos, órfãos de mãe muito cedo, a viverem a música em sua essência, a sentirem-na para além das partituras e acordes. No afã da liberdade assistida e participativa, fomentou sua genialidade neles e a legou ao mundo, em forma de alegria, sua patente registrada na eternidade.

GERÔNIMO, O TIMONEIRO DA BAHIA AFRODESCENDENTE⁹

Pelourinho, Largo Pedro Archanjo, dia 19 de dezembro de 2017. Nos fundos do palco, ele me aguardava para uma entrevista. Como um soldado, pronto para a batalha, estava ornado de forma magnânima, revestido de seu sincretismo religioso, sereno e esbanjando simpatia.

A minha geração cresceu ouvindo seus sucessos. A canção *É D'Oxum* (1986), por exemplo, era um convite para mergulhar nos mistérios da baianidade, que ele, Gerônino, representa tão bem em sua musicalidade, sua performance e em sua trajetória de vida.

9 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Gerônimo, o Timoneiro da Bahia Afrodescendente. *Jornal Correio da Bahia*, Salvador-BA, p. 02 - 02. 09 de janeiro de 2018

Gerônimo Santana Duarte é natural de uma ilha soteropolitana: Bom Jesus dos Passos, onde viveu boa parte da infância até se mudar para a capital. Nasceu no dia 26 de junho de 1953 e recebeu influência musical de seu pai, com quem aprendeu a cultura afrodescendente, sobretudo a religiosidade.

Sua primeira experiência instrumental foi o trompete. Também foi bailarino e no Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar foi percussionista e conviveu com a Família Macêdo entre as décadas de 70 e 80. Esta convivência com Seu Osmar e com os Irmãos Macedo foi muito valiosa para ele.

Antes da carreira de cantor, teve alguns de seus trabalhos gravados por outras pessoas e bandas, a exemplo da canção “Dentro da Minha Cabeça”, que ficou famosa com A Cor do Som. Nos anos 80, com o Axé Music, estouro para o Brasil, a exemplo de seu parceiro, nos tempos de Rio de Janeiro, Luiz Caldas. Seu repertório mereceu o reconhecimento de grandes nomes, tais como: Jorge Amado e Dorival Caymmi. Em relação a este

último, Jorge Portugal entende que Gerônimo é seu sucessor.

Em 2016, na Série Memórias do Brasil, Gerônimo foi tema. Em O Marujo do Tempo, ele abre seu coração para falar de suas origens familiares, de sua carreira e de suas composições. O Documentário conta com a participação de Armandinho, Caetano Veloso, Luiz Caldas, Jorge Portugal, entre outros.

Em 2017, um de seus grandes sucessos completou 30 anos. A música “Eu Sou Negão” virou uma marca registrada não só para a música baiana, como para a música popular brasileira. Segundo Caetano Veloso: “(...) mudou o modo de ser da população soteropolitana. Aquilo foi, historicamente, tão marcante quanto os Filhos de Gandhi, de Gil, no mínimo”.

No carnaval de Salvador, “Eu Sou Negão”, antes de ser um brado contra o trio elétrico, como pareceu frisar uma parte da letra, se transformou num marco para definir um espaço carnavalesco de afirmação identitária da música afrodescendente na Bahia.

Micareta de Lagarto-SE, 18 de abril de 2010¹⁰



- 10 Primeiro contato com o grupo, no camarote oficial da Prefeitura Municipal de Lagarto. Encontro proporcionado pelo então Secretário de Esporte e Lazer, Ibraim Monteiro, e pelo empresário Uga, Uga. Na ocasião, de alguma forma, ainda que subjacente à memória, nasceria o projeto que, quase dez anos depois, ganharia corpo: o de contar a história da música trieletrizada na Bahia, a partir da trajetória da Banda Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar.

O CARNAVAL ELÉTRICO, POR FRED GÓES¹¹

Em 1982, o Trio Elétrico Armandinho Dodô e Osmar já era uma realidade no país inteiro, com pelo menos nove LPs lançados, fazendo muito sucesso de carnaval em carnaval. Até àquela altura, não havia nenhum registro escrito, consistente, nem sobre a banda e nem sobre a dupla Dodô e Osmar.

A iniciativa foi de um carioca. Trata-se do compositor, ensaísta e professor Fred Góes, autor de inúmeros trabalhos, um, dentre os quais, dedicado a Gilberto Gil, também daquele início dos anos oitenta. Coube a ele, portanto, traçar o primeiro enredo de uma história que mudou para sempre o carnaval de Salvador.

11 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. O Carnaval Elétrico, por Fred Góes. Jornal Correio da Bahia, Salvador-BA, 03 fev. 2018.

O País do Carnaval Elétrico foi publicado pela Editora Corrupio, na Série Baianada. É resultado da pesquisa de um “foliã-observador” e cobre a história das quatro primeiras décadas do Trio Elétrico, desde os tempos da Fobica.

O autor se apropria do termo “tiete”, presente na canção de Gilberto Gil (Marcha da Tietagem, 1981) para definir um tipo de fã que vai além dos gritos histéricos e que está para um sujeito que curte o seu ídolo de predileção e por quem nutre uma profunda simpatia.

Por ocasião do Jubileu de Ouro do Trio Elétrico (2000), ele voltou a dedicar-se ao assunto, publicando um volume memorial, com capa dura e ricamente ilustrado, também pela Editora Corrupio. E, por esse motivo, tornou-se uma das principais referências para entender o carnaval elétrico da Bahia.

Passados trinta e seis anos da publicação de seu primeiro livro sobre o Carnaval de Salvador, o tema ainda segue merecendo novas atualizações. E é nessa toada de Fred que sigo atrás do trio elé-

trico, no afã de entender os efeitos da guitarra baiana na multidão em festa e no tecido histórico da Bahia e do Brasil.

O BRADO DO TRIO¹²

Até o ano de 1977, o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar havia lançado três LPs: Jubileu de Prata, É a Massa e Bahia, Bahia, Bahia. Aos poucos, a voz de um cantor se tornava parte do repertório do grupo, basicamente instrumental. Em seu quarto álbum, uma canção, em especial, ganhou uma dimensão para além das fronteiras baianas. Trata-se de Pombo Correio, cuja melodia já existia desde os anos 50, com o título de Double Morse, de autoria de Dodô e Osmar. Ao dar letra e voz à canção, por intermédio de Moraes Moreira, o grupo emplacou um dos maiores sucessos do carnaval, atingindo ares nacionais e uma longevidade que merece uma reflexão mais

12 Edição ampliada. Originalmente publicado in: SANTOS, Claudfranklin Monteiro. O Brado do Trio. Jornal do Dia, Aracaju-SE, 18 fev. 2018.

aprofundada, no afã de entender melhor o fenômeno do carnaval elétrico de Salvador, próximo de completar 70 anos.

O LP *Pombo Correio* foi lançado pela Continental, em 1977, para o Carnaval de 1978. É composto por 13 faixas, sendo 06 delas instrumentais. Assinam as faixas instrumentais: Osmar e Bráulio (1), Aroldo (3), Moraes Moreira (1) e Armandinho (1). As canções com letras são de autoria de Dodô e Osmar, Moraes Moreira, Armandinho e Béu Machado. Este último, falecido em 1992, era jornalista e ativista cultural, profundo conhecedor da cultura popular brasileira.

A mistura de ritmos é uma das marcas registradas do LP *Pombo Correio*. A faixa 3 (Lado B), por exemplo, traz um clássico do cancioneiro brasileiro de autoria de Luiz Lira e Waldir Azevedo – *Frevo da Lira*. Mas também, Beatles, com uma eletrizante e dançante versão de Eleonor Rigby (Faixa 3, Lado A), um clássico da banda britânica de Liverpool. Com isso, a beatlemania tomou conta do carnaval soteropolitano.

Para Aroldo Macêdo que, a partir desse LP, se tornou um importante compositor do Trio, o LP *Pombo Correio* reflete os vários estilos que o grupo foi absorvendo desde a criação e convivência com Osmar Macêdo: o choro, o frevo pernambucano, agregando a instrumentação rock in roll. Como costuma sempre dizer em nossas primorosas entrevistas, o jeito todo especial e particular que Armandinho aprimorou e deu a essência, desenvolvendo a guitarra baiana.

Desde o seu lançamento até a presente data, a crítica afirma que foi o melhor LP do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. Para Fred Góes, pioneiro na escrita da trajetória do grupo, o sucesso do *Pombo Correio* proporcionou um reconhecimento e um alcance para além do regional (1978, p. 90), seja na indústria fonográfica, seja em termos de notoriedade.

Das canções que compõem o LP, uma chama atenção. Trata-se de *Diabolô* (Faixa 1, Lado A), de Osmar Macêdo, inspirada em uma de suas invenções para o campo da engenharia. A expres-

são virou sinônimo de convite para a folia: “Diabolô, no frevo de Dodô / Eu vou diabolar no Frevo de Osmar”.

A música-tema, Pombo Correio, foi inspirada em Double Morse (Dodô e Osmar, 1952 – instrumental). Criada originalmente a partir da batida do Código Morse, em 1976 recebeu a letra por Moraes Moreira para compor seu LP Cara e Coração (1977), Som Livre, lançando-o, em definitivo, para a carreira solo, em nível nacional.

Não tardou para repercutir. Foi tema do Jornal Hoje (Rede Globo) e compôs a trilha sonora da novela Sem Lenço e Sem Documento (Rede Globo, 1977). Para Milton Araújo, tornou-se clássica imediatamente (2001, p. 273) e dava uma noção da relação de admiração dos Novos Baianos pelo Trio Fundador. Moraes Moreira confirma isto: “A bordo de um Pombo-Correio sobrevoei os céus do Brasil”(2010, p. 43).

A propósito disso, no carnaval de 1978, Osmar, juntamente com seu irmão Zezito, desenhou e confeccionou um enorme pombo branco, na

frente do trio, medindo aproximadamente dois metros de comprimento, movido por uma engrenagem mecanizada. Isso sem falar na extensão das asas, que batiam e tomavam boa parte da avenida, dando a impressão que iria levantar voo sobre a multidão sedenta de alegria.

O LP Pombo Correio traz ainda outros detalhes técnicos que merecem algumas considerações. As fotos são autoria de Mário Luiz Thompson e traduzem bem aquele ambiente carnavalesco, ao estilo Armandinho, Dodô e Osmar, dos anos 70. Na capa, a boca de alto-falante em primeiro plano e, ao fundo, a massa dançante na Praça da Sé. No verso, o palco de um teatro, em São Paulo, tomado pelas pessoas embaladas pelos sucessos do grupo.

O Trio, enfim, ganhou um brado, e nada é mais significativo que o Double Morse. O recado foi dado, e a mensagem de amor segue ressoando de carnaval em carnaval, consolidando um estilo, uma marca matriz e identitária da música baiana que atravessa a História como um voo rasante

e fulgurante de um pombo correio sobre a massa
de Salvador e do Brasil.

AS SESENTAÇÕES DE AROLD MACÊDO¹³

Como fã e estudioso do assunto, um dos aspectos que mais me fascina na trajetória histórico-cultural do Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar é a sua longevidade. Para além da idade cronológica, os Irmãos Macêdo se reinventam e reinventam a tradição a cada novo carnaval. Vê-los partilhar as suas memórias no palco, na terceira temporada de um show acústico, me dá a certeza que a música popular brasileira é notável, única e atemporal.

Formado pelos filhos do primeiro casamento de Osmar Macêdo (Alberto, Armandinho, Aroldo e André), o grupo está junto desde 1975, quando, oficialmente, saíram nas ruas de

13 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. As Sessentações de Aroldo Macêdo. In: Lagarto Notícias. 22 de fevereiro de 2018. <http://www.lagartonoticias.com.br/2018/02/22/as-sessentacoes-de-aroldo-macedo/>

Salvador com seu primeiro trio elétrico, invenção da dupla Dodô e Osmar em 1950. Na fobica ou no fobicão, eles se rejuvenescem em cima do caminhão, de onde esbanjam simpatia, talento e vitalidade.

Criados num ambiente musical, se notabilizaram cada um com seu talento. Se Armandinho é a grande estrela, Betinho a cadência, André a voz do trio, Aroldo se tornou uma das grandes referências da trupe, sendo responsável pela gerência de todas as atividades, dentro e fora da época carnavalesca, numa toada incansável e, na maioria das vezes, tensa e estressante. Nada, porém, que não lhe tire o viço.

Aroldo Costa Macêdo nasceu em Salvador, no dia 23 de fevereiro de 1958. Mais precisamente em casa, no Bairro de Campinas do Pirajá, pelas mãos de parteira. Ali, era a residência da família e, nos fundos, um grande galpão onde funcionava a metalúrgica de seu pai¹⁴. Cresceu ao som de máquinas e de música.

14 Metalúrgica Serrador.

Sua mãe havia perdido dois filhos antes, e Aroldo sentia-se protegido em razão disso, mesmo com a chegada de André, o caçula. Ficou órfão em tenra idade, aos três anos. O episódio, além de marcante e doloroso para ele, também significou uma mudança de vida, pois ele e seus irmãos tiveram que morar com a avó, mãe de seu pai, e de suas tias que viviam juntas. Um cenário bastante propício para um recomeço ainda tão cedo.

Trabalhando muito e viajando em razão das demandas da profissão, Osmar sempre encontrava tempo para estar com os filhos, mesmo constituindo uma segunda família. As memórias de Aroldo rementem a momentos regados de muita música. Armandinho aprendeu a tocar com o pai logo cedo e passou a ser modelo a ser seguido pelos demais.

Quando jovem e ainda muito jovem, Aroldo se via imerso numa decisão inevitável: ser músico e viver disso. Nesse sentido, os anos 70 se apresentaram como significativos, e ele e seus irmãos não tardaram para iniciar uma carrei-

ra que trazia um legado inventivo e importante. Era uma época de Gil e Caetano despontando com força para o país, dos Novos Baianos e de Moraes Moreira e das influências do rock in roll.

Os anos que se seguiram, em que pese a morte de Dodô em 1978 e de Osmar em 1997, se apresentaram como um ritual de passagem. Os filhos da alegria se multiplicaram em novos trios, cantores e cantoras. Do Axé ao Baiana System, o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar se transformou numa marca identitária da Bahia, na qual Aroldo encontrou espaço para algo que não ficou numa sobrevida ou num sucesso de ocasião.

Músico, instrumentista, letrista, produtor, administrador, amante da história do carnaval elétrico da Bahia e parte disso com um capítulo singular, Aroldo Macêdo chega aos sessenta anos de idade superando todas as expectativas, sobrevivendo a blocos e cordas e mantendo vivo um jeito todo especial de ser folião, no chão da praça, na Ladeira da Montanha, na Barra ou no Campo Grande, ressoando a arte e a alegria.

O CARNAVAL TRIELETRIZADO DE SERGIPE¹⁵

O carnaval é um produto cultural europeu, trazido para o Brasil pelos portugueses. Não tardou para se transformar na festa mais popular do país na atualidade. A exemplo de outras manifestações da cultura festiva do brasileiro, ele sofreu invariavelmente ressignificações, sobretudo a partir do século XIX quando ainda não havia uma diferenciação entre o carnaval e o entrudo (festa de rua, movida à sátira social).

Restrito aos salões e às elites, o carnaval ganhou as ruas e foi, aos poucos, assumindo contornos próprios à colônia, particularmente, com in-

15 Originalmente publicado na Revista Cumbuca, março de 2019. Agradecimentos aos assistentes de pesquisa, Pedro Franklin (meu filho), e os estudantes do Curso de Licenciatura em História da UFS, Joesio Meneses de Oliveira e Lavinya Oliva Oliveira, que participaram do Projeto de Iniciação Científica PIBIC-2017/2018 *Sergipe Elétrico: História, Carnaval e Imprensa (1960-1990)*

fluências dos africanos, como o samba. No Rio de Janeiro, surgiram os blocos, os batuques ritmados das Escolas de Samba até atingir a feição atual, ainda popular, mas fortemente mercadológico.

Na região que conhecemos hoje por Nordeste, dois Estados deram a tônica do carnaval brasileiro, depois da região Sudeste. Pernambuco, com o Frevo. E a Bahia, com a eletrização da festa de Momo. O Frevo tem mais de cem anos e segue em plena atividade em Recife e Olinda. E o Trio Elétrico, que está perto de completar 70 anos.

Em Sergipe, as referências sobre a inserção do carnaval ainda são ínfimas. Conforme consta em registros esparsos, seus primeiros momentos nas cidades de São Cristóvão, Laranjeiras e Maruim, com a presença do entrudo, por volta do século XIX. A partir das primeiras décadas do século seguinte, a folia sergipana deu espaço para o surgimento de clubes e blocos, tais como “Arranca” e os “Filhos de Baco”.

E teria seguido nessa toada por algumas décadas. Em particular, até os anos 60, 70 e 80, com

os desfiles de escolas de samba e os bailes carnavalescos nos clubes, Cotinguiba, Iate, Associação Atlética e o Vasco, sem falar naquilo que nos interessa de perto no presente artigo: o carnaval de rua, ao som do trio elétrico.

Foi nos anos 40 que dois amigos, Dôdo e Osmar, um, técnico de som e o outro, engenheiro, em Salvador, fizeram alguns experimentos para evitar um fenômeno de microfonia que sempre ocorria quando os amplificadores eram ligados aos violões e ao cavaquinho, em bailes, como os de carnaval. Daí surgiu um invento chamado inicialmente de “pau-elétrico”, rebatizado depois, por Armando Macêdo (Armandinho), de Guitarra Baiana.

O instrumento foi, por anos, a “voz” de outro invento deles: a *Fobica*, que nos anos 50 fazia a folia nas ruas de Salvador, atraindo centenas de pessoas e iniciando uma revolução no jeito de brincar carnaval no Brasil. A *Fobica* foi rebatizada de Trio Elétrico, se disseminou e se popularizou por todo o país, sobretudo por Orlando Tapajós e empresas,

como a Saborosa, até atingir seu auge, a partir de 1974, com o *Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Os-mar*, que, em 2019, fará 45 anos de folia.

A compreensão histórica da trajetória do trio elétrico e da música trieletrizada em Sergipe se dá partir de três movimentos: 1) uso para fins eleitorais; 2) inserção na vida social do carnaval; 3) carnavais fora de época. Tudo isso num espaço temporal que compreende as décadas de 70, 80 e 90.

Em postagem do portal *Caranguejo News*, de 18 de fevereiro de 2017, assinado por Douglas Magalhães, citando como fonte o jornal *Achaqui* do Bairro Getúlio Vargas, uma matéria afirma que o primeiro trio elétrico de Sergipe foi criado em 1974, por iniciativa de Edvaldo Medeiros, que havia trazido a ideia da Bahia e construído nos fundos da oficina de Seu Juarez, na rua de Laranjeiras, em Aracaju. Afirma que teve o apoio da empresa rodoviária Bomfim, na pessoa do empresário Lauro, e da TV Sergipe. Um trecho da matéria traduz um pouco do que foi o ambiente da época:

“Atrás do trio, no carnaval de 1975, seguia uma carreata com várias autoridades vestindo mortailhas e capuz preto e a galera no chão pulando e cantando ao som do trio”.

Ainda, segundo informações extraídas da matéria do portal *Caranguejo News*, diz-se que a folia elétrica de Aracaju teve como ponto de partida o Bairro Getúlio Vargas, tendo como destino a Praça Fausto Cardoso. A animação ficava por conta da orquestra de Medeiros, a Banda Viking e a bandinha de frevo do tenente Gilson.

Contrariando a referida nota, intitulada “O primeiro trio elétrico de Sergipe”, um levantamento preliminar de fontes impressas e orais sobre o assunto (que constará mais tarde de um livro) atestam que já havia trio elétrico em Sergipe antes de 1974.

Em entrevista com o jornalista José Raymundo Ribeiro (Cabo Zé), ele afirma que na campanha de seu irmão, Ribeirinho, para a Prefeitura de Lagarto, em 1961, montou sobre uma caminhonete F350, da Ford, um trio com oito cor-

netas (bocas de alto-falantes), inspirado no *Trio Tapajós* de Salvador, que ele teve a oportunidade de conhecer no carnaval do ano anterior. Cabo Zé, além de conhecido político da vida sergipana, tornou-se um dos grandes proprietários de trios elétricos de Sergipe, entre eles o *Trio Elétrico Eldorado*, requisitado pelos baianos para seus carnavais.

Ainda em Lagarto, outras informações dão conta da existência de trio elétrico, também, nos anos 70. Primeiro, na administração de José Ribeiro de Sousa (Zé Coletor, 1971-1972). Depois, na campanha vitoriosa para a Prefeitura, do odontólogo João Almeida Rocha de 1972, quando um trio elétrico, montado sobre um caminhão de um motorista de táxi, conhecido por Seu Dadá, fazia a festa das pessoas entre a Praça da Piedade e a Praça Filomento Hora. Segundo o músico e comerciante aposentado, Rinaldo Prata, que foi guitarrista daquele trio, uma multidão pulava ao som dos hits de carnaval daquele momento, como *Atrás do Trio Elétrico* (1969), de Caetano Ve-

loso, e do repertório do *Trio Tapajós*. No final dos anos 70 e início dos anos 80, na administração de José Vieira Filho, um trio elétrico da Prefeitura Municipal fazia a festa dos foliões.

Até 1975, o trio elétrico não foi utilizado no Carnaval, pelo menos em Aracaju, onde na folia predominava o desfile de blocos e escolas de samba. Somente a partir do ano seguinte é que surgem as primeiras notícias. Em 1976, fala-se de mais de seis mil pessoas acompanhando o cortejo elétrico, que foi bancado pelas empresas baianas: Bonfim e Fátima. Em 1977, nem mesmo o caminhão elétrico animou os foliões, segundo registros do jornal Gazeta de Sergipe, que classificou o carnaval de rua como fraco. Já outra nota, da mesma fonte, em 1979, lamentava a ausência do trio naquele carnaval por conta de problemas nas cifras musicais.

Sobre o *Trio Elétrico da Fátima*, que animou o carnaval de Aracaju por anos, o empresário Wanderlan Teixeira de Almeida (filho do fundador da empresa, Josino Almeida) conta que tudo come-

çou com uma brincadeira comandada por seu irmão mais velho, José Almeida, que se utilizou de uma carcaça de ônibus, colocou cornetas e contratou uma charanga. Era a *Bandinha da Fátima*, no final dos anos 60 que, no início dos anos 70, viria a ser o trio elétrico da firma. A mesma empresa, a partir de 1993, confeccionou o *Trio Elétrico Voyage*, até hoje em plena atividade.

Como se vê, Lagarto se transformou num polo importante de produção e exportação de trios elétricos. Além dos já citados *Trio Elétrico Eldorado* e *Trio Elétrico Voyage*, uma nota extra para o *Trio Elétrico Radiofon* (criado em 1990), do saudoso Hercílio, falecido em 2018.

Ainda nos anos 70, em Estância, mais precisamente em 1976, o empresário Nivaldo Silva, à época vice-prefeito da cidade, construiu o *Trio Elétrico Luminosidade*, transformando, em definitivo, o jeito de brincar do carnaval da juventude. Sim, a juventude, pois a novidade não gozava da simpatia dos mais velhos, saudosistas, e também das elites, que preferiam os sa-

lões e os bailes. Fenômeno que se verificou em todos os lugares do Brasil onde o invento baiano foi adotado.

Em 1980, ainda em Aracaju, o *Trio Elétrico da Fátima* tomou conta da folia, saindo durante todos os dias de carnaval. Naquele ano, Moraes Moreira fez uma apresentação no dia 30 de janeiro no auditório do Colégio Atheneu, com o show “Lá vem o Brasil descendo a ladeira”. Originário dos novos baianos, em carreira solo e fazendo sucesso nacional, ele foi o primeiro cantor do *Trio Elétrico Armandinho Dodô e Osmar*, estreando em 1975.

No início dos anos 80, a Família Macêdo começou a dar o tom do carnaval trieletrizado de Sergipe. Não somente na capital, mas também no interior do Estado, o repertório tocado e cantado do grupo predominou na rua, nos trios sergipanos e também nos bailes. O carnaval de 1982 aconteceu na última semana de fevereiro, por exemplo. Naquele ano, o *Trio Elétrico Armandinho Dodô e Osmar* se apresentou pela primeira vez em Araca-

ju¹⁶ no Teatro Constâncio Vieira, uma promoção dos formandos do Curso de Engenharia Química e Química Industrial da UFS. Nos anos seguintes, o grupo retornou todos os anos, apresentando-se com a presença de grandes multidões.

Mais tarde, o grupo conheceu uma figura importante para eles, sobretudo no que diz respeito à feitura de instrumentos de corda, particularmente a guitarra baiana. Trata-se do propriaense Elifas Santana, que reside e trabalha em Aracaju atualmente. Ele mantém uma oficina nas proximidades do Teatro Tobias Barreto. Elifas conheceu Armandinho em 1996, e logo se tornaram amigos, sendo responsável direto pelo designe e produção de suas guitarras¹⁷ e de Aroldo Macedo, além de outros nomes da folia baiana, como Moraes e Pepeu Gomes. Ele é o *luthier* do trio, além de dar suporte na parte técnica.

16 Segundo Aroldo Macêdo, é provável que essa primeira apresentação tenha ocorrido antes. Talvez final dos anos 70, em um réveillon de Aracaju. Até o fechamento do presente livro, não encontramos registros na imprensa escrita sergipana, ficando para o livro Sergipe Elétrico, a ser lançado posteriormente, a resolução dessa questão em aberto.

17 O layout da principal guitarra baiana usada por Armandinho, branca em formato de um raio, foi por ele desenhado e executado por Elifas.

Outro personagem que passa a fazer parte e com destaque na folia aracajuana foi o apresentador Hilton Lopes. Nas prévias e nos carnavais seguintes a 1983, era comum vê-lo animando a multidão, em cima dos trios, a exemplo do *Trio Tribunão*. Durante a década de 80, novos e mais trios passam a fazer parte da programação festiva promovida pela Prefeitura.

Nos anos 90, a folia muda de figura novamente, mas o trio elétrico, mais do que nunca, segue sendo utilizado. Os chamados carnavais fora de época assumem aspectos cada vez mais mercadológicos e restritos a blocos e a uma parcela da população que podia comprar os abadá, camisas ou fantasias que serviam como “ingresso” para brincar atrás da corda, protegidos por seguranças e todo um esquema de proteção.

Em Sergipe, no ano de 1992, o Pré-Caju tornou-se um exemplo disso. Com o sucesso do Axé Music desde a década anterior, naquele ano, bandas baianas (Asa de Águia e Banda Brilho), que já estavam acostumadas àquele novo tipo de car-

naval trieletrizado, se fizeram presentes em Aracaju, algumas delas com seus próprios trios ou mesmo trios sergipanos que também eram requisitados em Salvador durante a festa momesca. No interior do Estado, as Prefeituras aderiram aos carnavais fora de época, com blocos e trios elétricos puxando e animando a festa.

Os trios elétricos seguiram sendo instrumentos para animar comícios, carnavais e micaretas, e popularizam de tal maneira a servir para os mais variados fins e épocas. Até festa de aniversário da cidade, festa junina (acredite!) e festa de padroeiro. A propósito dessa última, uma nota assinada pelo Bispo de Propriá, Dom Palmeira Lessa, datada de 31 de agosto de 1994, dava ciência de uma reunião do clero com o Conselho Presbiteral, ocorrida em Salgado, em 06 de junho, orientando os promotores das festas, particularmente entes públicos, à busca de um espaço e horário para o trio elétrico que não causasse “prejuízo ou perturbação aos valores e atos da fé cristã”.

Os sergipanos se renderam aos encantos da Bahia e se tornaram produtores e exportadores de trio elétricos também. Para além do sucesso dos carnavais fora de época e das investidas nas campanhas eleitorais, o *caminhão da alegria*, de Dodô e Osmar, passou a fazer parte da vida social do Estado, não sendo diferente no período momesco. Sinônimo de alegria, o trio elétrico disseminou a música trieletrizada, sendo responsável por capítulos significativos da História Cultural de Sergipe, aqui, apenas retratada por algumas notas.

DA RIBERIA AO PÉ DA MONTANHA: ASSIM NASCEU O TRIO ELÉTRICO ARMANDINHO, DODÔ E OSMAR¹⁸

A festa era do povo. Sem cordas. A multidão se acotovela, travestida de máscaras e mortailhas. Corpo e caras pintadas. Ocupando todos os espaços do centro da cidade de Salvador. As marquises se transformavam em camarotes de diversos matizes sociais: das damas da noite ao banqueiro. Atrás dos trios, das charangas, dos blocos, de qualquer motivo que entorpecesse as pessoas de alegria. Carnaval de todas as cores e gentes. Em cena, acenavam para o alto, num brado de uma fantasia que bem que poderia ser eterna.

18 Texto escrito para o carnaval de 2019. Comemoração dos 45 do Trio Elétrico, Armandinho, Dodô e Osmar.

Em artigo para o jornal A Tarde, de 19 de fevereiro de 1974, Manoel Pereira expressava bem o que foi aquele tempo. Com certo saudosismo, é verdade, mas com uma representação significativa: “o carnaval de hoje, tumultuado pelos trios elétricos arrastando multidões à mercê de músicas saltitantes, difere muito, dos dantes, aqui realizados”.

O carnaval de 1974, em Salvador, nesse cenário momesco e até mesmo dionisíaco frenético, anunciava o trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. Àquela altura da história, os trios já faziam parte da paisagem festiva do carnaval baiano. Trios como o Saborosa Marajós e Tapajós já agitavam a folia. Armandinho, um exímio solista, era contratado para tocar em alguns deles e já era um dos grandes nomes da música trioeletrizada, tendo ficado nacionalmente famoso em um programa de TV do apresentador Flávio Cavalcanti, nos anos 60.

Armandinho, Betinho, Aroldo e André pediram ao pai que fizesse um trio para eles, queriam fazer parte da festa, brincar e assumir

o desafio da continuação, assumir o legado e marcar presença naquela festa que havia se modificado consideravelmente desde os anos 50. Aqueles meninos audaciosos revolucionaram o carnaval elétrico de Salvador e doravante incendiaram o Brasil.

Na semana que antecedia o carnaval de 1974, numa metalúrgica anexa à residência de Osmar Macêdo, na Ribeira, seus filhos, Dodô (filhos e sobrinhos), além de amigos, como o cantor Gerônimo, corriam contra o tempo para montar o trio. Tudo coberto pela imprensa escrita e até mesmo por uma empresa de TV que gravava um documentário que ficaria, mais tarde, responsável por um registro histórico.

A primeira apresentação pública do grupo aconteceu no dia 22 de fevereiro, numa sexta-feira à noite, no Bonfim. Era o esquentar do carnaval de 1974. Autor da música “Atrás do Trio Elétrico” (1969), que popularizou o invento de Dodô e Osmar, Caetano Veloso esteve presente para batizar o novo trio com champanhe.

À propósito do nome do trio, Armandinho, que buscava convencer o pai relutante, costuma dizer que se trata de uma homenagem à dupla Dodô e Osmar. E assim ficou e se firmou na memória e no coração de seus fãs e entusiastas de todas as idades.

Em depoimento, Aroldo Macêdo nos conta como foi a emoção da primeira apresentação do carnaval de 1974. Há exatos 45 anos. Com olhos marejados, ele narra que o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar se postou ao pé da Ladeira da Montanha. Gerador e luzes ligadas, instrumentos passados a limpo, o caminhão seguiu num silêncio inquietante até alcançar a Praça Castro Alves e explodir a emoção nas principais ruas do centro de Salvador.

A canção Trajetória do Trio, composta por Moraes Moreira, traduzindo o que vivenciou, para o LP Incendiou o Brasil (1981), do Trio Elétrico, Armandinho, Dodô e Osmar, veio reforçar a toada que o grupo assume desde sua criação em 1974 até a presente data.

A necessidade de construir uma narrativa histórica singular está presente nesta e em outras letras, que tem como mote não somente o percurso do trio à época, em termos de via brincante do carnaval, mas também a ideia do legado de Dodô e Osmar.

JUBILEU DE VINHO

Do sonho fez-se a Fobica,
Por setenta carnavais
Na memória fica.

Vou com amor, Dodô
Vou com saudade de Osmar,
Atrás do trio elétrico,
A sua história contar.

Trieletrizado, eu sou tiete
E guardo a tristeza
Num pano de confete.

Vou com amor, Dodô
Vou com saudade de Osmar,
Atrás do trio elétrico,
A sua história contar.

A saga não acaba tão cedo,
Segue o carnaval e a revolução
Ao som dos Irmãos Macêdo.

Vou com amor, Dodô
Vou com saudade de Osmar,
Atrás do trio elétrico,
A sua história contar.

02 de fevereiro de 2019

Referências

Fontes

Entrevistas com Aroldo Macêdo - 06.04.2017

Entrevista com Aroldo Macêdo - 11.05.2017

Entrevista com Aroldo Macêdo - 31.05.2017 -
Parte 1

Entrevista com Aroldo Macêdo - 31.05.2017 -
Parte 2

Entrevista com Aroldo Macêdo - 11.09.2017

Entrevista com Gerônimo - 19.12.2017

Entrevista com Paulo Milha - 18.01.2018

Entrevista com Elifas Santana - 15.06.2018

Entrevista com José Raymundo Ribeiro (Cabo Zé) -
11.01.2019 (parte 2)

Entrevista com Antonio Rocha - 17.05.2017

Entrevista com Rinaldo Prata - 08.01.2019

Entrevista com Wanderlan Almeida - 12.01.2019

Bibliografia

ANDRADE, Márcio Gallhardo de. O Rock na MPB e a MPB no Rock, na Música de Armando Macêdo, o Armandinho. Monografia. São Paulo: UniFIAM-FAAM, 2007.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011

CERQUEIRA, Nelson et al. Carnaval da Bahia: um registro estético. Salvador: Omar G., 2002.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Felipe. O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GÓES, Fred de. O país do Carnaval elétrico. Salvador: Corrupio, 1982.

_____. 50 anos de Trio Elétrico, Salvador: Corrupio, 2000.

Lacerda, Ayêska Paulafreitas de. Atrás do trio elétrico – evolução da mídia e impactos nas práticas musicais do carnaval de Salvador. In: Curitiba, v. 16, n. 2, p. 85-101, jul./dez. 2013.

_____. Trio Elétrico: mídia sonora genuinamente brasileira. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0433-1.pdf>. Acessado em 12 de março de 2017.

MOURA, Milton Araújo. Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia das identidades no Carnaval de Salvador. Tese de Doutorado. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2001.

MOURA, Milton Araújo. (org.) A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. História e Música. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Cesar Miguez de. Carnaval Baiano: as Tramas da Alegria e a Teia de Negócios. Dissertação. Curso de Mestrado do Núcleo de Pós-Graduação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 1996.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

QUEIROZ, Maria I. P. de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, Thais Queirós Alves de. Carnaval de Salvador: Estudo de Caso do Bloco Crocodilo. Monografia. Curso de Comunicação Social: Centro Universitário de Brasília, 2006.

VARGAS, Alexandre Siles. O carnaval da Bahia: uma retrospectiva histórica do entrudo ao surgimento do trio elétrico Dodô & Osmar com o cavaço elétrico protótipo da guitarra baiana. In: Anais do II SIMPOM - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2014.

VIEIRA, Naiara da Cunha. Carnaval de Salvador: Discutindo a Gestão da Festa. Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Salvador: UFBA, 2014.

Comunicações

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Os Filhos da Alegria: uma História Cultural do Carnaval Elétrico da Bahia. XXX Seminário do Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. 2017.

_____. O brado do trio, quarenta anos a fio. XXXII Seminário do Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. 2017.

_____. Ao pé da montanha: assim nasceu o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. XLI Seminário do Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. 2018.

Tiragem	500 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	AmsiProNarw-SemiBold 14pt, 16pt Cambria 13pt Arial 8pt
Papel	polén soft 80g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)

“Boca de alto-falante
Para animar a cidade
Embala os delirantes
Sonhos da mocidade

Pouco é um alto-falante
Para animar o país
Muito mais interessante
é aquilo que o povo diz”

(Aroldo Macêdo/Moraes Moreira)


Terra do som PRODUÇÕES

